

No Twitter, quase um milhão de mensagens contra cultura do estupro

(JC Online, 04/06/2016) Mobilização contra estupro mostra força da rede de solidariedade na Internet

Ambiente de divulgação do vídeo de estupro coletivo contra uma jovem de 16 anos do Rio de Janeiro, o Twitter se transformou, logo em seguida, em uma importante ferramenta de denúncia e de discussão sobre a cultura do estupro. Um levantamento feito por Bianca Bortolon e Luísa Perdigão, pesquisadoras do Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) mostra a força dessa rede de solidariedade.

Entre os dias 20 e 27 de maio, 999.826 mensagens foram publicadas sobre o tema no Twitter por 343.543 usuários. Se número de quase um milhão de tweets impressiona, também chama atenção o fato de a rede ser majoritariamente de pessoas que prestavam solidariedade a jovem e denunciavam a cultura do estupro, enquanto o número de postagens criminalizando a vítima era mínimo.

“O que me chamou atenção foi um caráter de denúncia. E depois se tornou uma rede de afeto, de sororidade. Foi engraçado porque no Facebook houve vários comentários negativos. E depois formou-se toda uma rede de apoio. Tanto no Facebook, quanto no Twitter”, explica Luísa Perdigão, uma das autoras do levantamento.

No Twitter, o movimento começou a ganhar força como uma ação para denunciar a publicação do vídeo. No gráfico que mostra os perfis mais mencionados entre os 62.662 que foram citados nas mensagens, as contas da Polícia Federal e da Polícia Civil do Rio de Janeiro aparecem com destaque, assim como os dos três per~~fis~~ que compartilharam o vídeo.

Quando são analisados os 743.776 retweets, perfis de humor se destacam.

Principalmente as contas @majutrindade, @cleytu e @itspedrito. Mas eles foram usados como ferramenta para ampliar a discussão, não para fazer piada sobre o caso de estupro.

“Isso foi uma coisa bem interessante. Qualquer assunto, principalmente de política, que a gente vai discutir na rede, gera aqueles memes espontâneos. Eu acho que por ser um tema muito sério, até os per~~seguidores~~ humorísticos trataram de uma forma séria. Eu nem imaginava inicialmente que eu fosse encontrar per~~seguidores~~ de humor nessa rede. Eles usaram esse engajamento que eles já têm em prol de divulgar a mobilização contra a cultura do estupro”, diz Luísa.

FEMINISMO - Uma das hipóteses para a força do movimento “30 contra todas” é que as redes sociais têm se tornado um terreno fértil para os debates sobre feminismo e o empoderamento feminino. Durante as ações contra a cultura do estupro, outros casos relacionados à violência contra mulher voltaram a tona, como o atentado contra a apresentadora Ana Hickmann e a denúncia de violência doméstica da atriz Amber Heard, casada com o ator Johnny Depp.

“Tem um tempo que a gente está acompanhando alguns movimentos na Internet mais direcionado ao movimento feminista. E a gente está vendo que há uma sucessiva utilização de hashtags para a mobilização em rede em prol desse assunto. Como a do primeiro assédio. A hashtag tem sido um movimento de luta para levar esse debate e fazer com que esse tema esteja em voga”, conta Luísa.

Paulo Veras

Acesse no site de origem: [No Twitter, quase um milhão de mensagens contra cultura do estupro \(JC Online, 04/06/2016\)](#)

“As Sufragistas”: Elas não tinham hashtags, mas fizeram muito barulho

(UOL, 23/12/2015) Depois de meses em que a luta pelos direitos das mulheres esteve na boca do povo -do Enem às hashtags #meuprimeiroassedio e #meuamigosecreto, passando pelos protestos contra os projetos de lei do deputado Eduardo Cunha- é bastante oportuno que 2015 termine com a estreia de “As Sufragistas”, filme que resgata uma das primeiras vezes em que as mulheres se organizaram como movimento social para reivindicar seus direitos.

Os direitos, no caso, eram coisas tão básicas quanto o voto, a participação na vida política, a guarda dos filhos e a possibilidade de ter propriedades em seus nomes, coisas que ainda eram negadas às mulheres na Inglaterra do início do século 20, onde o filme se passa, e também no resto do mundo.

Apesar de o movimento ter ficado mais conhecido pela reivindicação do direito ao voto, na verdade as sufragistas lutavam pela igualdade em todos os terrenos, inspiradas pelos mesmos ideais iluministas e humanistas que levaram à Revolução Francesa e formaram a base da “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, mas que ainda excluía as mulheres da vida pública.

Nessa luta, as sufragistas acabaram deixando duas contribuições que vão muito além do feminismo: a ideia de solidariedade (em substituição a fraternidade, que significa apenas irmão homem), e novos métodos de protesto e luta cívica -como grandes manifestações, greve de fome, interrupção sistemática de oradores com perguntas etc.

“As Sufragistas” mostra todos esses aspectos do movimento através da história da fictícia Maud Watts (Carey Mulligan), uma jovem operária que ficou órfã cedo e leva uma vida dura ao lado do marido e do filho pequeno. Ao conhecer uma colega de trabalho que participa do movimento sufragista, ela

vai aos poucos se dando conta das injustiças que sofre diariamente, como o abuso do patrão, o salário mais baixo do que o dos homens (apesar de trabalhar mais horas) e a falta de controle sobre a própria vida, já que cabem ao marido as decisões financeiras e sobre o filho.

Sem se tornar panfletário, e focando mais no drama de Maud do que nos grandes acontecimentos, o filme dirigido por Sarah Gavron consegue traçar com sutileza paralelos entre ontem e hoje, mostrando que não avançamos tanto quanto algumas pessoas pensam –podemos votar, sim, mas ainda são muito poucas as representantes das mulheres na política; o julgamento moral daquelas que escolhem se dedicar a uma causa em detrimento da família também é forte; os salários ainda são menores e os abusos, frequentes.

Mesmo o direito ao voto não é algo conquistado há tanto tempo. Na Inglaterra retratada no filme, ele foi obtido em 1928; no Brasil, em 1932; enquanto em países do Oriente Médio a conquista é ainda mais recente, com a Arábia Saudita permitindo apenas este ano que as mulheres votassem e se candidatassem a cargos políticos.

Maud é uma personagem fictícia, mas foi baseada em mulheres bem reais, algumas delas retratadas diretamente no filme. Conheça as personagens reais que inspiraram “As Sufragistas”.

AVISO DE SPOILERS: SE VOCÊ NÃO QUER SABER DETALHES DA TRAMA DO FILME, NÃO CONTINUE LENDO

Maud Watts



O movimento sufragista era liderado principalmente por mulheres burguesas, mas muitas operárias também se juntaram a suas companheiras mais afortunadas na luta pelo voto e por mais direitos, como acontece com a fictícia Maud. Uma das mulheres reais que inspiraram a personagem foi Hannah Webster Mitchell. Nascida em uma família pobre em 1872, ela cresceu sem se conformar com a diferença de tratamento entre ela e seus irmãos. Inicialmente, considerou o sufragismo uma questão de classe média, porque havia uma exigência de propriedade, e se envolveu com o movimento socialista, mas acabou se juntando à União Social e Política das Mulheres (WSPU, na sigla em inglês), organização retratada no filme, e chegou a ser presa após interromper uma reunião política.

Emmeline Pankhurst



Meryl Streep faz uma participação especial como a líder da WSPU Emmeline Pankhurst, que inspira as personagens do filme assim como inspirou de verdade muitas sufragistas inglesas. Ela fundou a WSPU em 1903, aos 43 anos, quando já era viúva, com o lema “ações, não palavras”. Entre 1908 e 1914, Pankhurst foi presa 13 vezes e entrou em greve de fome em diversas ocasiões. Uma das prisões foi por ter assumido a autoria do atentado contra a casa de verão do chanceler do tesouro David Lloyd George, que aparece no filme. Suas ações só foram suspensas para apoiar os esforços da Primeira Guerra Mundial. Com o fim do conflito, em 1918, parte das mulheres inglesas receberam o direito ao voto, que foi estendido a todas as mulheres em 1928.

Edith Ellyn



A farmacêutica interpretada por Helena Bohan-Carter, que tem o apoio do marido na luta pelos direitos das mulheres, nunca existiu, mas foi inspirada em duas mulheres reais. A primeira foi Barbara Gould, química e psicóloga que fez parte da WSPU e foi apoiada por seu marido, Gerald, participando ativamente de atos como quebrar vitrines com pedras. Ela deixou a WSPU por divergências e fundou outra organização em 1914, a Sufragistas Unidos, da qual participavam tanto homens quanto mulheres. A segunda inspiração, citada por Bohan-Carter, foi Edith Garrud (foto), que dava aulas de artes marciais e defesa pessoal para as sufragistas se protegerem da polícia e do público que as hostilizava.

Emily Wilding Davison



Assim como Pankhurst, Emily Wilding Davison, interpretada por Natalie Press, é uma personagem real, que teve um papel trágico mas fundamental na luta das sufragistas. Nascida em 1872, ela se juntou à WSPU em 1906 e se tornou uma das militantes mais ativas da organização. Ela foi presa nove vezes e seu último ato de militância ocorreu no Epsom Derby, em junho de 1913, quando ela invadiu a pista de corrida e se jogou na frente do cavalo do rei George 5º, sendo atropelada por ele. Sua morte atraiu a atenção da imprensa para o movimento sufragista e mais de 6.000 mulheres participaram de seu funeral.



Emily Wilding Davison se joga na frente do cavalo do rei George 5º no Epsom Derby, em junho de 1913 (Foto: Reprodução)

Acesse no site de origem: [“As Sufragistas”: Elas não tinham hashtags, mas fizeram muito barulho \(UOL, 23/12/2015\)](#)